

■ COMUNIDADE

Carvão é fonte de sobrevivência para Pitaguary

Por Mônica Vieira.

“Faz mais de oito anos que estamos na luta para manter a vida e a nossa cultura, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos. O dia-a-dia é a fumaça do carvão, nossa fonte de sobrevivência”. O desabafo é do índio Antônio da Silva de Potiguara, um dos membros da tribo dos Pitaguary. Sua comunidade pertence à Santo Antônio do Pitaguary, localidade que fica, aproximadamente, a seis quilômetros da cidade de Maracanaú.

A miséria nesse lugarejo é grande, fazendo os índios trabalharem desde o amanhecer do dia até o surgir da noite. “Temos que trabalhar aqui de domingo a domingo, principalmente neste período de seca. Quando tem inverno dá para plantar, mas, mesmo assim, temos que continuar no carvão”, diz Antônio.

As crianças, também, participam da extração da madeira até o ensacamento do carvão. O local que os índios podem chegar, para conseguir lenha, equivale a um prédio de quatro a cinco andares. “A gente pega uns tocos de madeira tirados lá do alto. Mas, só pegamos galhos secos, pois mata verde não está de acordo com os princípios do índio. Enterramos essa madeira na areia. Cercamos com os suspiros (espécie

de gravetos para provocar o fogo). Deixamos queimar durante 24 horas. Depois, mantemos enterrada durante seis dias. E aí, como carvão, só precisa ser ensacada”, explica.

Cada família vende em torno de uma a duas sacas de carvão. Estas sacas pesam em média vinte e cinco quilos e custam R\$ 1,80. Antônio da Silva tem em seu estoque muitas dessas sacas. É impressionante sua agilidade ao levá-las. Parece até que está erguendo uma pena. “A gente tem que arrancar esses tocos para poder sobreviver, se não morre de fome. Só Deus mesmo para nos manter vivos”, agradece olhando para o céu.

Apesar de toda a família trabalhar de sol-a-sol, de viverem sujos por causa do pó do carvão, o que se pode conseguir ao mês é, em média, a miserável quantia de R\$ 70,00. Caminhões aparecem todos os dias para comprar carvão da tribo.

Só basta comparar o preço da saca de carvão, que esta comunidade vende, com os preços cobrados em qualquer posto de gasolina. Nestes, um saco de peso inferior, custa em torno de R\$ 1,00. “Vivemos cheios de dívidas. Mal dá para comer”, reclama Antônio.

FORTALEZA-CE, quarta-feira, 04 de novembro de 1998

Dia-a-Dia

TRIBUNA DO CEARÁ

Construção de açude é promessa

“A Prefeitura de Maracanaú, desde que chegamos, promete a construção de um açude, mas só há a promessa”, acusa o índio Antônio da Silva. A tribo indígena de Santo Antônio do Pitaguary abastece suas casas com a água de chafarizes, que a prefeitura traz, nos carros-pipa, em dias alternados.

Além desse problema, não existe energia elétrica no lugar. Os Pitaguary usam lampiões para iluminar seus lares. “Por semana eu gasto dois litros de querosene na iluminação”, desabafa Antônio.

Segundo o índio, o cacique Daniel, líder da tribo, conseguiu da prefeitura, a proposta de construção de uma escola, posto médico e creche. “O colégio que existe para as nossas crianças fica muito longe daqui. Porém, mesmo com a distância, todas elas estudam. Assim que construírem nossa escola, vou estudar também. Mesmo eu estando com mais de sessenta anos, tenho muito que aprender”, afirma emocionado.

Incêndio quase provoca tragédia

Antônio da Silva, que veio de Ipueiras, da tribo Potiguar, para casar com a índia Maria Ferreira, comenta sobre as queimadas região dos Pitaguary. Há um mês, parte da serra de Maranguape, que se localiza próxima ao lugar, por causa da seca, sofreu um incêndio provocado por uma ponta de cigarro jogada na vegetação. “Foi horrível. Quase que eu ia sendo queimado”, recorda, mostrando as cicatrizes.

O índio analisa, também, a solidariedade existente nessa aldeia indígena. “Aqui, o significado de tribo é diferente. Não tem parceria como há em Ipueiras. Em Santo Antônio do Pitaguary, cada família cuida de si, sem ter tempo para ajudar as outras”, reclama. Mas, ele admite que a situação é bem mais difícil que na sua terra natal.

Ele diz, ainda, não ter filhos. “Minha mulher possui 21 netos. Ajudo no que posso na criação deles. Acordo, todo dia, às três horas da manhã, para terminar a construção de quatro barracos para os filhos dela”, explica orgulhoso por ainda ter disposição em seus 66 anos de idade.

FORTALEZA - CE, quarta-feira, 04 de novembro de 1998

TRIBUNA DO CEARÁ